



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MAISA BRITO DA SILVA**

**SOBRE O EXISTENCIALISMO DE CARÁTER ENTRE CRIADOR E CRIATURA  
EM *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY**

**GUARABIRA  
2021**

MAISA BRITO DA SILVA

**SOBRE O EXISTENCIALISMO DE CARÁTER ENTRE CRIADOR E CRIATURA  
EM *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY**

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Estadual da Paraíba, campus III  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em Letras, habilitação em inglês.

Orientador: Prof. Dr. Auricélio Soares  
Fernandes

**GUARABIRA  
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Maisa Brito da.  
Sobre o existencialismo de caráter entre criador e criatura em Frankenstein, de Mary Shelley [manuscrito] / Maisa Brito da Silva. - 2021.  
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Existencialismo. 2. Frankenstein . 3. Caráter. 4. Ação. I.  
Título

21. ed. CDD 823

MAISA BRITO DA SILVA

**SOBRE O EXISTENCIALISMO DE CARÁTER ENTRE CRIADOR E CRIATURA  
EM *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação /Departamento  
do Curso de Letras, da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito final à obtenção do  
título de licenciado (a) em Letras (Inglês)

Área de concentração: Literatura e Estudos  
Culturais

Aprovada em: 28/04/2021.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Matheus Maria Beltrame  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



---

Prof. Me Jenison Alisson dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## RESUMO

Esta pesquisa ressalta a importância da literatura como meio reflexivo para a sociedade, trazendo como modo de ver que a monstruosidade não se retém apenas a estética, mas a atitude do homem. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar o caráter de Frankenstein e a sua criação, o monstro. Pois, Segundo Jeha (2007), os indivíduos sofrem porque não se conhecem e, como resultado, não conhecem seus verdadeiros desejos. Assim, os indivíduos buscam fontes equivocadas de satisfação, frustrando-se. A partir disto, este trabalho trata da importância da responsabilidade da ação imposta no romance *Frankenstein* de Mary Shelley, trazendo como embasamento o comportamento dos personagens criador e Criatura. Posto isto, a pesquisa é constituída com base no levantamento bibliográfico de caráter exploratório e descritivo, a partir do estudo com embasamento na corrente filosófica do existencialismo, tendo como principais filósofos Søren Kierkegaard (1813- 1855), Martin Heidegger (1889- 1976) e Jean-Paul Sartre (1905- 1980).

Palavras-Chave: Existencialismo, Frankenstein, Caráter, Ação.

## ABSTRACT

This research highlights the importance of literature as a reflective medium for society, as a way to see that the monstrosity is not only retained aesthetics, but the attitude of man. Therefore, this work aims to analyze the character of Frankenstein and his creation, the monster. According to Jeha (2007), individuals suffer because they do not know who they truly are and, therefore, do not know their true desires. Thus, individuals search for the wrong sources of satisfaction, becoming frustrated. From this, this work deals with the importance of the responsibility of the action imposed in the novel *Frankenstein* of Mary Shelley, bringing as basis the behavior of the characters creator and Creature. That said, the research is based on an exploratory and descriptive bibliographic survey, based on the theoretical framework on the philosophical current of existentialism, with the main philosophers Søren Kierkegaard (1813-1855), Martin Heidegger (1889- 1976) and Jean-Paul Sartre (1905- 1980).

**Keywords:** Existentialism, Frankenstein, Character, Action.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
2	<b>NOTAS SOBRE O EXISTENCIALISMO.....</b>	<b>5</b>
2.1	<i>Søren Kierkegaard .....</i>	<i>6</i>
2.2	<i>Martin Heidegger .....</i>	<i>8</i>
2.3	<i>O existencialismo/humanismo de Jean-Paul Sartre.....</i>	<i>9</i>
3	<b>Frankenstein ou o Prometeu moderno e o existencialismo.....</b>	<b>12</b>
3.1	<i>A subjetividade do Criador .....</i>	<i>14</i>
3.2	<i>Caráter: adormecido ou despertado .....</i>	<i>16</i>
3.3	<i>Essência e estética .....</i>	<i>19</i>
3.4	<i>A vingança dentro do contexto do romance .....</i>	<i>21</i>
3.5	<i>Ação da má-fé .....</i>	<i>23</i>
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

## 1. Introdução

Este artigo tem como proposta apontar uma leitura de elementos da corrente filosófica do existencialismo, considerando principalmente as ideias desenvolvidas pelo filósofo Jean-Paul Sartre e trazendo-as para o romance *Frankenstein ou o moderno prometeu*, publicado em 1818 pela autora Mary Shelley. Sendo assim, temos como intuito analisar o caráter dos protagonistas dessa narrativa, focando a discussão em elementos da essência humana e frisando o pensamento sartreano sobre a liberdade que o homem tem para fazer suas escolhas e a responsabilidade da ação.

Sartre é conhecido como um dos nomes mais influentes para a corrente existencialista e suas obras permanecem de forma atual na sociedade, tendo em vista que as teorias trabalhadas são de acordo com a análise da existência; explicando por sua vez, aspectos da experiência humana na trajetória do ser lançado no mundo. Esse conceito é frequentemente abordado por intermédio de avaliações sobre o comportamento e conseqüentemente a ação do homem perante a finalidade da sua responsabilidade.

Nascido em Paris em 1905-1980, Sartre, além de filósofo, atuou como escritor e crítico. Sempre defendeu a ideia de que as pessoas que buscavam adquirir sabedoria, pensadores, haviam de executar um papel fundamental para a sociedade: eficácia para representar a sua função, de forma ativa. Visto a coerência e genialidade que Sartre coloca o seu ponto de vista, suas obras possuem prestígio por entre aqueles que buscam entender a essência humana, como também gerou vários questionamentos com relação as suas teorias ateístas.

Com relação ao objeto de estudo do presente artigo, é importante ressaltar que a arte e a realidade são conceitos distintos, mas que se correlacionam de forma ampla. Pois, através de uma obra de gênero terror pode-se notar diferentes elementos que dialogam com a corrente existencialista, como o comportamento do homem e a sua existência.

Mary Shelley, nascida em Londres, em 1797- 1851, foi a primeira mulher escritora que permitiu-se adentrar na área de ficção científica, apesar das turbulências que faziam parte de sua época. Assim, Shelley que sofrera quando ainda jovem por diversos motivos, abstrai de seus martírios forças para construir a história de *Frankenstein*. A autora apresenta em sua obra, uma trama que faz o leitor refletir sobre a real humanidade entre os protagonistas da história, tal como, a importância da responsabilidade pela conseqüências de suas ações.

Sendo assim, a motivação para esta pesquisa surge por não ser comum ver outras análises sobre *Frankenstein* com a perspectiva de uma corrente filosófica, a exemplo do existencialismo. Portanto, ao fazer o levantamento sobre outras pesquisas é possível ver que a maior parte dos estudos já existentes abordam assuntos relacionados a estética, a ética, ao uso da tecnologia, aspectos do gótico, entre outros. Assim, justificamos a importância desta pesquisa como uma análise da obra *Frankenstein* pela ótica do existencialismo, como uma forma de refletir sobre a humanidade do criador e Criatura.

O artigo científico “Frankenstein de Mary Shelley e sua mensagem perene sobre a responsabilidade da ciência sob a luz da Bioética”, de Cristiane Regina Ruiz (2009), aborda a responsabilidade da ação e faz uso da crítica com relação ao uso desmedido da tecnologia. Trazendo como pauta a consciência do personagem Frankenstein como o único perigo para si mesmo. Tais pontos têm fundamentação teórica a partir dos estudos de Hans Jonas, haja vista que a autora faz menção de sua pesquisa com suporte no questionamento da ética humana.

Em outro estudo que nos embasamos, os autores Maria Cristina Cardoso Ribas e Thiago dos Santos Braz da Cruz (2014), “O passageiro das trevas: estética e psicologia do monstro em Frankenstein”, discutem como a literatura traz os aspectos humanos a partir das obras góticas, na qual trazem personagens com aparências grotescas, mas que conseguem despertar em seus leitores o teor do que realmente é ser humano. Os autores discutem também nesse estudo uma característica dos personagens que é a mudança de comportamento e como este é considerado duvidoso perante a questão ética da sociedade. As teorias que fundamentam esse autores partem, sobretudo, do livro *Do grotesco e do sublime*, de Victor Hugo, compactuando da ideia da representação da desigualdade de uma sociedade que coloca a aparência a frente dos pensamentos de qualquer ser. Sendo assim, a criatura não tem alternativa a não ser o seu isolamento, o que resulta na sua sede por vingança. Fazendo referência da degradante história acerca da teoria de que brinca de ser deus através da forma na qual ele cria uma nova espécie de vida que é comparada com a de Deus, mas que, no entanto, só terá êxito a partir de outros corpos mortos.

Assim delimitada, esta pesquisa busca responder a seguinte indagação: através das ações de ambas as personagens, criador ou Criatura, podemos considerá-las como vítimas uma da outra?

De acordo com tal questionamento serão vistas possibilidades de respostas que foquem na coerência e no entendimento sobre a definição de caráter. A partir dessa percepção, essa pesquisa tem como objetivo geral discutir através do existencialismo o caráter do personagem Victor Frankenstein e a sua criação, o Monstro de Frankenstein, de acordo com as suas ações e



pensamentos. Em decorrência deste objetivo, estabelecemos os objetivos específicos como: discorrer sobre os motivos que levaram o cientista Victor Frankenstein a desenvolver um monstro; analisar a mudança de personalidade do cientista perante sua criação, considerando a aparência grotesca e o caráter do monstro e refletir sobre a mudança de personalidade do Monstro de Frankenstein após adentrar na sociedade.

A pesquisa é constituída com base no levantamento bibliográfico de caráter exploratório e descritivo a partir dos estudos dos filósofos Søren Kierkegaard (1813- 1855), Martin Heidegger (1889- 1976) e Jean-Paul Sartre (1905- 1980), para que haja sustentação da fundamentação teórica deste trabalho. A vista disso, as indagações apresentadas até aqui, vão ser respondidas através de uma abordagem qualitativa, a partir das leituras das obras existencialistas.

No segundo tópico, buscamos levantar uma discussão inicial sobre o que é o existencialismo e a sua importância, por meio do levantamento dos filósofos mais relevantes da corrente em questão e suas respectivas obras. O terceiro tópico inicia-se com uma análise sobre *Frankenstein* fazendo o levantamento sobre os pontos do romance que se engajam ao conceito do existencialismo. Sobre continuidade, são expostos pontos essenciais do romance, como tópicos para que nesse estudo seja adentrados assuntos como subjetividade, caráter, essência, estética e se há o uso da má-fé.

## **2. Notas sobre o Existencialismo**

A corrente filosófica existencialista teve início no século XX, precisamente na França, com o intuito de trazer reflexões sobre as ações dos sujeitos pensantes. Para a construção de tais crenças, foram de grande importância os nomes dos filósofos tais como: Søren Kierkegaard (1813-1855), Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980). O existencialismo foi um movimento o qual abrange diferentes concepções, com referências cristãs ou não, mas que tinham o mesmo objetivo, estudar a existência humana. Sendo assim,

Essas correntes entendem a palavra existência como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada situação, analisável em termos de possibilidade. A análise existencial é, portanto, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se (ABBAGANANO, 2007, p.402).

Neste sentido, iremos abordar algumas considerações desse movimento através da literatura, refletindo sobre como tais conceitos são mostrados com base nas ações dos personagens, Criador e Criatura na obra *Frankenstein*. Dito isso, fazer uma análise existencial

das diferentes situações presentes no romance, junto as possibilidades de escolhas que ajudam a compreender a existência humana.

## 2.1 Søren Kierkegaard

Søren Kierkegaard (1813-1855) foi considerado o pai do existencialismo contemporâneo por ter iniciado a vertente sobre estudos existencialistas. Sua filosofia diz respeito a si próprio, que o fez refletir sobre a humanidade.

[...] [A] filosofia de Kierkegaard é precisamente ele mesmo, e ele mesmo, não fortuitamente e, de certo modo contrariado, mas ele mesmo voluntária e sistematicamente, a tal ponto que o “existir como indivíduo” e a consciência desse existir chegaram, a ser, para ele, condição absoluta da filosofia e até sua única razão de ser (CHAUÍ in KIERKEGAARD, 1979, p. 10, grifo do autor).

Quando jovem, o filósofo, sob influência da família, iniciou os estudos sobre teologia. No entanto, Kierkegaard decepciona-se ao conviver na igreja luterana e presenciar a hipocrisia dos que, até então, se diziam cristãos, mas viviam em uma vida desregrada, tendo em vista que a igreja não seguia a principal tarefa, que a seu ver era a religiosidade interior.

Diante disso, o jovem Kierkegaard rebela-se contra a vida religiosa que seguia e torna-se um ser solitário em resposta a vida de pecado que o filósofo passa a viver. Assim, ele não mais se importa com a vida regrada que vivia para Deus, vivendo apenas para os prazeres momentâneos, como gasto excessivo de dinheiro e bebidas. Porém, esse modo de vida não durou muito e ele logo volta aos seus estudos para se tornar pastor. Contudo, continua em uma vida solitária.

Viver na solidão não era um problema para o filósofo, uma vez que ele defende a ideia de uma realidade singular, na qual a partir disso ele poderia refletir sobre o seu existir. Assim, ele afirma: “esse silêncio agrada-me porque me sinto capaz desse esforço e com coragem para segurar o espelho, mostre-me ele o que mostrar, o meu ideal ou a minha caricatura” (KIERKEGAARD, 1979, p. 13). A partir de várias reflexões, Kierkegaard chega à conclusão que existem três tipos de vida na qual o sujeito escolhe e segue. Os tipos de vida são: o estético, o ético e o religioso.

O modo de vida estético é definido pelo filósofo como sendo o escolhido pelas pessoas que preferem viver de forma prazerosa (KIERKEGAARD, 1979). Isso significa dizer que esses sujeitos não têm um pensamento prévio sobre o futuro, mas que se submetem a viver de prazeres momentâneos. No entanto, o indivíduo que vive o modo de vida ético, ao contrário do estético, pensa sobre seu futuro e dedica-se a um determinado objetivo. Por último, o modo de vida

religioso é aquele pela qual o indivíduo vive pela fé, acreditando que viver os mandamentos de Deus, irá conseguir a verdadeira liberdade.

A partir disso é visto que a complexidade das teorias de Søren Kierkegaard, diz respeito às suas vivências e à ideia de escolha do indivíduo. Por esse motivo, Kierkegaard é um grande influenciador de outros filósofos, como Jean-Paul Sartre, pois em seus conceitos o existencialista coloca como foco a capacidade que o sujeito tem de escolha para a sua vida e as consequências dessas escolhas, que é o desespero.

Com isso, é possível analisar que no romance de Mary Shelley, o cientista Victor Frankenstein possui características de uma vida ética, ele se preocupa em doar-se para os estudos e pesquisas com um único objetivo: o de ser dono de uma nova espécie. A vista disso, quando Frankenstein assume que se privou do descanso e da sua própria saúde ao afirmar que: por desejar com ardor e sem moderação colocar seu propósito de infundir vida em um corpo inanimado em prática (SHELLEY, 2017, p. 65), mostra as vertentes dos sentimentos humanos. Isto significa dizer que o sentimento projetado pelo cientista, seu objetivo, é o mesmo que resulta no seu sofrimento diário, a consequência do seu desejo.

Durante a obra, é visto ainda que Frankenstein não possui desejos sobre uma vida estética ou religiosa, por mais que aspectos religiosos sejam meramente relacionados com o seu objetivo, tendo em vista sua ambição em ser considerado um “deus” que dá/devolve vida aos corpos, quando ele afirma: “Uma nova espécie iria me abençoar como seu criador” (SHELLEY, 2017, p. 61). Sendo assim, nessa fala é visto que o personagem é tomado pelo sentimento da ganância, como um dos motivos para a execução de seu desejo.

No entanto, assim como é mostrada na filosofia de Kierkegaard, o homem é apto a fazer suas escolhas, porém, muitas vezes tais levam ao desespero, pois no romance, esse sentimento é mostrado quando o cientista aconselha o amigo Robert Walton, sobre o perigo pela obsessão de um objetivo ao ver que ele tem os mesmos almejos que o cientista. Quando Frankenstein diz: “Você busca conhecimento e sabedoria, como outrora eu fiz, e espero ardentemente que a realização de seus desejos não seja a serpente a mordê-lo, como aconteceu comigo” (SHELLEY, 2017, p. 37), sua intenção é fazer com que o espírito ético não o distancie da seriedade e da responsabilidade de seus atos, assim como aconteceu com o cientista que se distanciou da família e o dos amigos por um objetivo, mas que não possui domínio pela situação por não pensar nos resultados dos seus atos.

## **2.2 Martin Heidegger**

Martin Heidegger (1889-1976) é um dos pensadores mais importantes para o existencialismo. Filósofo e professor alemão, ele teve ao decorrer de sua vida várias obras fundamentais para refletir o que é o ser e o esquecimento do ser. No entanto, será trabalhado aqui a sua obra *Ser e Tempo*, com a finalidade de analisar pontos que se caracterizam como o ser no mundo e o ser para a angústia.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger define o termo “Dasein” como o sujeito pensante. O que significa dizer que o “Dasein”, com tradução do alemão para o português como: ser – aí, na qual produz a ideia do ser que habita no mundo com um propósito e que está sempre em construção.

A essência do Dasein está em sua existência. O que se pode extrair desse ente não são propriedades dadas de um ser-à-vista, mas modos de ser possíveis dele em cada caso e somente isso. Todo ser tal ou qual deste ente é primariamente ser. De onde resulta que o termo Dasein, com que designamos esse ente, não expressa seu *quid est*, como mesa, casa, árvore, mas sim o ser (NUNES, 2002. p. 36).

Sendo assim, é através desta teoria que o filósofo mostra a capacidade que o indivíduo possui de criar sua essência através de escolhas, e que apenas o ser pensante possui essa capacidade, mesmo que ele seja colocado no mundo sem ser sua própria escolha. Diante disso, em contraposto ao ser, que diz respeito ao interior do indivíduo, sem manipulações e almejos, o ente pode ser entendido como o desenvolvimento desta existência o que o ser forma a partir de escolhas e daquilo que se quer, sendo o ser no mundo.

Em *Ser e tempo*, Heidegger busca explicar não somente o que é ser humano, como algo explicável, mas ao contrário, o autor propõe estudar como é ser humano, desenvolvendo reflexões sobre o existir em construção e como algo inexplicável. Junto a isso, poder analisar as diferentes condições na qual o ser é obrigado a passar durante sua trajetória de vida, como a angústia e o viver para a morte.

Dessa forma, seguindo os pensamentos de Heidegger, o homem é lançado no mundo e está sempre em desenvolvimento e por essa razão é algo inexplicável, ao contrário de um objeto. Com isso, sabe-se que Victor e o monstro foram lançados no mundo de forma diferentes, mas ao existirem no mesmo globo, possuem as mesmas características, tendo em vista que ambos possuem as mesmas responsabilidades. Assim, segundo a fala do monstro: “Outrora eu falsamente esperei encontrar seres que, relevando meu aspecto externo, iriam me amar pelas excelentes qualidades que eu era capaz de demonstrar” (SHELLEY, 2017, p.230), mostra que ele é possuidor de sentimentos e consciência sobre a sua existência.

Este ser lançado na experiência fática do mundo é visto por Heidegger como a pre-sença. Sendo assim, “A pre-sença é um ente que na compreensão de seu ser, com ele se relaciona e

comporta. Com isso, indica-se o conceito formal de existência” (HEIDGGER, 2005, p.90). Sendo assim, está relação entre ambas características da pre-sença<sup>1</sup>, faz relação ao desejo do sujeito existente, de ter uma ocupação no meio no qual ele habita. Desse modo, segundo Heidegger (2005), os diferentes tipos de entes que são construídos só podem deparar-se com a pre-sença na medida em que conseguem mostrar-se, por si mesmos, dentro de um mundo.

O monstro mesmo tendo origem em um laboratório, possui as mesmas formas de questionamentos usadas pelo filósofo, sobre o “Ente” e o “Dasein”, pois ao ler o romance é nítido que para identificar a humanidade da Criatura, basta comparar ambos personagens, criador e Criatura, tendo em vista que o caráter do ser criado pelo cientista se desenvolve ao decorrer do romance, de acordo com o passar do tempo e dos sujeitos que ele observa. Deste modo, ao afirmar do monstro que: “Se você tivesse ouvido a voz da consciência e prestado atenção as pontadas de remorso antes de ter levado sua vingança diabólica a esse extremo, Frankenstein ainda estaria vivo” (SHELLEY, 2017, p. 229). Mostra que o sentimento de vingança nascido nele, foi a partir das ações do cientista.

Dessa forma, o homem é livre e desenvolve o seu caráter a partir das escolhas que faz durante sua vida. Com isso, pode-se dizer que o homem está sempre em construção, podendo criar a si, mas que este ato de liberdade resulta em angústia para o ser, tendo em vista que toda responsabilidade só pertence a ele.

### **2.3 O existencialismo/humanismo de Jean-Paul Sartre**

O existencialismo é definido por Jean-Paul Sartre (2024) como um humanismo. As suas teorias tiveram grande influências do filósofo Søren Kierkegaard. Posto isto, Sartre considera o fenômeno da liberdade, na qual o sujeito está condenado a possuir, de acordo com a concepção de que o homem é livre e composto pela liberdade de escolhas e será esta última que definirá a essência humana que o indivíduo formará de si.

De acordo com a teoria de Sartre, não há natureza humana sobre a qual o ser faça parte, como os religiosos assim acreditam. Mas o homem ao ser colocado no mundo, apenas existe e só após a sua existência é que o indivíduo irá formar sua essência e definir seu caráter. Por essa razão o autor defende que a existência precede a essência, pois “Ele [o homem] apenas será

---

<sup>1</sup> “A pre-sença nunca se instala num estado cabal e definitivo de ser. A pre-sença é ontologicamente sempre passageira por estar continuamente movida pelo paradoxo de ser a totalidade do que não é. Por isso, antecipa-se constantemente a si mesma em tudo que é ou deixa de ser” (HEIDGGER, 2005, p. 324-325).

alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar” (SARTRE, 2014, p.25, grifo do autor).

Levando em consideração os posicionamentos filosóficos de Sartre e a fala da criatura, em *Frankenstein* no seguinte trecho: “por todo lado vejo prazer, do qual apenas eu sou irrevogavelmente excluído. Eu era benevolente e bom; a tristeza me tornou um demônio” (SHELLEY, 2017, p. 109), compreendemos que é extraída a convicção de que é a partir de todas as experiências vividas pelo monstro que ele se tornou algo, tendo em vista que todos os sentimentos de um ser são construídos a partir das suas ações no convívio social. A partir disso, é notável que não há essência no momento exato de sua existência, mas à medida que é observado pela Criatura a forma de ocupação dos sujeitos e conseguinte, forma o seu caráter, podendo ser sobre experiências boas ou más.

E esta capacidade que o sujeito possui de criar a si mesmo Sartre nomeia como subjetividade. A subjetividade que Sartre (2014) defende é o que guia o indivíduo a fazer suas escolhas, “significa a impossibilidade humana de ultrapassar essa subjetividade” (SARTRE, 2014, p.27). Nesse sentido, a certeza de que as escolhas que serão feitas afetarão também nas pessoas que estão ao redor do sujeito. Pois, a ação do ser humano não diz respeito apenas a ele, mas também a obrigação de pensar antes de agir em consonância com a responsabilidade do saber que ao fazer uma escolha, ele está escolhendo também pelos outros homens.

Assim, quando o cientista faz a escolha de ser dono de uma nova espécie e distancia-se de todos em busca da realização do seu objetivo ele deve pensar nas hipóteses dos resultados de seus atos. Sendo assim, ele é responsável pelos ocorridos com as pessoas que convivem com ele e também com o resultado de suas ações, que foi sua criação, o monstro. A vista disso, quando Frankenstein resolve se vingar do monstro e o perseguir pela morte dos seus familiares, afirma que: “A profunda dor que essa cena inicialmente despertou logo deu lugar a raiva e ao desespero” (SHELLEY, 2017, p. 212). Dessa forma, temos a justificativa pelo qual o cientista é mostrado durante o romance carregado sob o fardo da angústia.

Sartre (2014) afirma que a capacidade de escolha do sujeito resulta em ansiedade e desespero, e assim é declarada pelo existencialismo que o homem é angústia, tendo em vista que para ele fazer uma determinada escolha, significa que ele irá abrir mão de outra coisa. Assim, na visão sartreana, quando o ser em sua angústia opta por não responder pela sua responsabilidade e a mascara, diz-se que ele agiu de má-fé, haja vista que quando o indivíduo culpa outra pessoa por uma ação praticada por si, ele está colocando para o próximo a responsabilidade que a pertence (SARTRE, 2014).

Nesse contexto, a “má-fé” é uma mentira que o indivíduo alimenta com o intuito de se livrar da culpa. No entanto, o filósofo explica também que essa mentira na qual é fomentada muitas vezes é provinda do inconsciente do sujeito, haja vista que nem sempre sua intenção é de concluir sua ação com algo que traga maus resultados para ele e para os outros a sua volta, e isso resultaria assim na angústia do sujeito. É a partir dessas conjecturas que vemos as razões pelas quais Sartre afirma que o existencialismo é um humanismo, pois a consciência do ser está sempre colocada para a escolha de sua ação (Sartre, 2014).

Em *Frankenstein* é notável também que a ação do cientista de não falar a verdade com relação aos assassinatos dos familiares e amigos, causados pelo monstro, como vingança ao seu criador, ocorre a partir da mudança de pensamento, ocasionando em má-fé, tendo em vista que inicialmente ele queria vencer a morte para devolver a vida aqueles que tanto amavam, mas em seguida desejou a exaltação de seu nome como cientista. Diante disso, Victor Frankenstein afirma:

Eu havia começado a vida com intenções benéficas e ansiava pelo momento em que as colocaria em prática e me tornasse útil para meus semelhantes. Agora estava tudo destruído: em vez de uma paz de espírito que me permitisse olhar o passado com satisfação e dele extrair uma promessa de novas esperanças, eu era tomado pelo remorso e a culpa, que me lançavam num inferno de torturas intensas, tais que língua nenhuma pode descrever (SHELLEY, 2017, p. 99).

Sendo assim, a angústia presente no personagem diz respeito à consciência do saber de sua criação. Dessa maneira, o filósofo francês explica também em sua teoria o “em-si”, em *O ser e o nada*, que é compreendido através da definição que Sartre apresenta como ser do fenômeno com o propósito de elucidar a ideia do objeto que não possui caráter reflexivo, isso é visto de acordo com o trecho a seguir:

O ser-Em-si não possui um dentro que se oponha a um fora e seja análogo a um juízo, uma lei, uma consciência de si. O Em-si não tem segredo: é maciço. [...] É plena positividade. Desconhece, pois, a alteridade; não se coloca jamais como outro a não ser si mesmo; não pode manter relação alguma com o outro. É indefinidamente si mesmo e se esgota em sê-lo (SARTRE, 1943, p. 39).

O em-si, desta maneira, é entendida com a finalidade de mostrar que quaisquer materiais antes de serem lançados ao mundo, possuem em sua fórmula uma determinação. Isso significa dizer que não haverá mudanças com respeito ao seu objetivo, logo, ao contrário de um ser reflexivo, uma cama, por exemplo, não mudará nem construirá um sentimento contrário ao seu objetivo que é de servir para o descanso.

Em contraposição ao “em-si”, que aborda os objetos como não pensantes, com uma essência definida, Sartre traz o “para-si”, que refere-se ao conceito de que o sujeito pensante

não é definido e se constrói a partir de suas escolhas, formando assim sua essência e escolhendo qual tipo de ser humano ele pretende se tornar. Assim, Sartre (1943, p. 125), afirma que “A lei de ser do Para-si, como fundamento ontológico da consciência, consiste em ser si mesmo sob a forma de presença a si. Esta presença a si tem sido considerada comumente como uma plenitude de existência [...]”. Com isso, a projeção do homem é algo constante, que por outro lado não sabe qual é a sua essência até que o único responsável pela criação da essência a construa, que é o próprio homem.

No romance é possível destacar isso através da criatura, que mesmo sendo construída em um laboratório, possui particularidades humanas no desenvolvimento de seu caráter, pois, assim como Sartre explica o “em-si” como algo com objetivo determinado e o “para-si” como algo que se constrói, o monstro é dotado de características do “para-si”, pois não havia caráter no momento que ele ganhou vida, mas este foi desenvolvido pelo contato com outros seres humanos, suas experiências.

Assim, é possível perceber que o existencialismo sartreano tem como objetivo mostrar, através da análise existencial que o indivíduo não é provido de uma natureza humana e que o existir do ser seja possuidor de um sentido, mas que o homem ao ser colocado no mundo ele próprio irá buscar o seu objetivo e fazer suas escolhas para que seus propósitos sejam alcançados. Sartre aponta que a produção precede a essência, pois já há uma função para o que é chamado de “em-si” e a existência precede a essência no sentido de que o ser define o que ele quer ser após suas escolhas, “para-si”.

### **3 *Frankenstein ou o Prometeu moderno e o existencialismo***

O romance *Frankenstein* inicia por meio de trocas de cartas entre os irmãos Robert Walton e Margaret Walton Saville. O capitão Robert Walton narra para a sua irmã os acontecidos em sua jornada para o Polo Norte e com isso, a notícia de como encontrara um homem sob o gelo, cujo seria o Dr. Victor Frankenstein, no qual, depois de reabilitado do estado de sofrimento que se encontra, descreve o terror de sua vivência, confidenciando-o a sua tenra história.

O Dr. Frankenstein apresenta as suas memórias, lembrando suas origens. Assim, em seu discurso, ele introduz que nascera em Genebra, é membro de uma família de classe média alta que é descrita com grande afeto pelo cientista. Além disso, enfatiza a relação com a sua prima Elizabeth Lavenza, que fora adotada pela sua família e que possui imenso apreço pelos familiares, chegando mais tarde a tornar-se sua noiva.



Frisa-se que a partir de tal conversa e ao perceber que o capitão possuía os mesmos objetivos que Frankenstein, é revelado o amor que o cientista tivera pelas ciências naturais. Porém, o dr. também o aconselha sobre os perigos de uma vida voltada a centralidade de um de um desejo, afirmando que “Você busca conhecimento e sabedoria como outrora eu fiz; e espero ardentemente que a realização de seus desejos não seja a serpente a mordê-lo, como outrora aconteceu comigo” (SHELLEY, 2017, p.37). Sendo assim, é descrito como ele é tomado pela sede de conhecimento, tal como o desejo por desvendar os segredos do céu e da terra, para assim solucionar a criação do homem.

Seguindo esta perspectiva, o cientista mostra que inicia os estudos a partir de ‘boas intenções’. Sendo assim, doa-se para a aprendizagem das teorias de Cornelius Agrippa<sup>2</sup>, Paracelso<sup>3</sup> e Alberto Magno<sup>4</sup>. No entanto, logo após a morte de sua mãe, Frankenstein que até então não vivera sem o afeto de sua família, começa uma nova jornada em sua vida, na qual viaja para estudar na universidade de Ingolstadt.

Na universidade, o jovem Frankenstein procura se aperfeiçoar na filosofia das ciências naturais e para isso inicia a sua jornada na ciência, mostrando ao professor, o sr. Krempe, suas pesquisas. Porém, ele é surpreendido com a ironia do docente, que de forma grosseira o aconselha a iniciar os seus estudos do zero, pois, as teorias que o mesmo vinha a se dedicar estavam ultrapassadas.

No entanto, o acontecido não foi motivo para desmotivar o cientista, que cada vez mais possuía o desejo de descobrir os mistérios da criação. A partir disso, Victor começa a despertar a necessidade de ir em busca do seu objetivo, que é tornar possível a espécie de seres que ganham vida com base nos restos das matérias em decomposição.

Com isso, o resultado final de sua pesquisa é o monstro de Frankenstein que mesmo sendo o maior desejo do cientista, o assusta por ser dono de uma aparência grotesca. Assim, o

---

<sup>2</sup> Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486-1535) filho de antiga família nobre estudou na Universidade de Colônia, foi médico, jurista, filósofo, cabalista e estudou também a alquimia. Aos vinte anos de idade já havia estudado a magia e a cabala [...] declarava que para ocupar-se da Magia, era necessário conhecer perfeitamente a física, a matemática e a teologia, para ele, a magia é uma faculdade poderosa, plena de mistérios e que encerra um conhecimento profundo das coisas mais secretas da natureza.

<sup>3</sup> Theophrastus Bombastus von Hohenheim, mais tarde mudou seu nome para Paracelso. Indiscutivelmente foi o espírito da Renascença que deu a Paracelso o grande impulso rumo à indução científica e ao método experimental. O encontro desse espírito científico com as correntes espirituais da Reforma, com sua influência sobre a alma dos homens, graças a Lutero, fornece a explicação da formação de sua personalidade, aparentemente contraditória.

<sup>4</sup> Alberto Magno (1206- 1 280) foi, sem dúvida, uma das figuras mais marcantes no panorama intelectual do século XIII. [...] Costuma-se indicar a biologia como domínio de eleição de Alberto Magno. Embora não tenha deixado de ser aí um transmissor dos conhecimentos dos antigos, não se priva de acrescentar elementos novos provenientes de suas próprias observações. Apontam-se como suas principais obras neste campo Comentários ao De animalibus e ao De plantis, bem como uma série de Quaestiones sobre o De animalibus. O De plantis era na realidade um escrito pseudo-aristotélico.

romance narra a jornada de uma vida turbulenta de angústia e desespero para ambos os personagens.

### 3.1 A subjetividade do Criador

Victor Frankenstein é descrito no romance sob a perspectiva de uma personalidade própria e com a certeza daquilo que ele almejava para a sua vida. Sua decisão de isolamento social é encarada como uma verdade que ele faz parte, é a partir daí que o seu caráter é construído, tendo em vista que o personagem é tomado em seu íntimo por um sentimento de ser dono de uma nova espécie. É esta definição de caráter que tomará o caminho para que possa ser compreendido tal comportamento à frente de seu objetivo. Assim, a subjetividade é entendido da seguinte forma:

2. Caráter do que é subjetivo no sentido de ser aparente, ilusório ou falível. Nesse sentido, Hegel situava na esfera da subjetividade o *dever-ser* em geral, bem como os interesses e as metas do indivíduo. Dizia: "Uma vez que o conteúdo dos interesses e das metas está presente apenas na esfera unilateral do subjetivo, e que a unilateralidade é um limite, essa falta manifesta-se ao mesmo tempo como inquietação, como dor, como algo negativo" ( *Vorlesungen über die Ästhetik*, ed. Glockner, p. 141) .Kierkegaard quis inverter o ponto de vista hegeliano, colocando a S. acima da objetividade: "O erro consiste principalmente no fato de o universal, em que — segundo o hegelianismo — consiste a verdade (e o individual torna-se verdade só se nele subsumido), uma abstração: o Estado, etc. Ele não chega a dizer que é a S. em sentido absoluto, e não chega a verdade, ou seja, ao princípio de que realmente, em última instância, o individual está acima do universal" (ABBAGNANO, Nicola, 2007, p.922).

Segundo Abbagnano (2007) o conceito de subjetividade, envolve discussões entre os filósofos Hegel e Kierkegaard. No entanto, será analisado a partir da visão do segundo filósofo que a subjetividade não é algo considerado universal, mas é classificado como a existência pessoal do ser humano.

Isso significa dizer que é a partir da subjetividade, da verdade que cada sujeito possui que ele irá buscar a sua realidade. Com isso, pode ser considerado que o homem é livre para poder fazer suas escolhas e definir a sua realidade, mesmo que essa seja o motivo de sua angústia, ser livre também significa uma vida indeterminada, isso significa dizer que mesmo o sujeito vivendo o que ele acredita ser sua verdade, ele não tem o poder de saber o desfecho de sua história, concluída pelas suas possibilidades.

Ao analisarmos o comportamento do personagem Dr. Victor Frankenstein, é possível considerar que a sua busca interior pela própria individualidade já estava direcionada quando o mesmo inicia as pesquisas científicas, tendo em vista que foi a partir dos 13 anos de idade, em uma viagem de família que é despertado no cientista o amor sobre as ciências naturais em

consonância com a química e a física. O cientista afirma que “a filosofia natural foi o gênio que pautou meu destino” (SHELLEY, 2017, p. 46). Sendo assim, esse fato ocorre antes da morte da sua mãe e de sua ida para a universidade.

Aos dezessete anos quando inicia a sua vida acadêmica, o jovem Frankenstein, que até então se encontra em meio ao sentimento de luto, pois perdera a sua figura materna, dá continuidade aos seus estudos de forma subjetiva. Isso quer dizer que o teor de seu subjetivismo ultrapassa o seu objetivo, resultando em uma sede por conhecimento. Este subjetivismo aqui citado é definido como na citação seguinte:

Termo moderno que designa a doutrina que reduz a realidade ou os valores a estados ou atos do sujeito (universal ou individual). Nesse sentido, o idealismo é S. porque reduz a realidade das coisas a estados do sujeito (percepções ou representações); analogamente, fala-se de S. moral e S. estético quando o bem, o mal, o belo ou o feio são reduzidos às preferências individuais (ABBAGNANO, Nicola, 2007, p.922).

Desta maneira, este termo trabalha com a interpretação de que o ser racional é composto por uma verdade que é produzida em sua mente e colocada em prática a partir de sua ação. Sendo assim, essa individualidade pode ser ligada ao caráter do Dr. Victor Frankenstein quando em sua realidade ele passa a pensar com um ego duvidoso sobre o motivo de suas pesquisas, tendo em vista o grande desejo de poder construir uma nova espécie. Com base nisso, é nítido que o comportamento do personagem é reduzido ao que ele almeja ser a sua verdade:

Vida e morte pareciam para mim limites ideias, e eu seria o primeiro a rompê-los, derramando uma torrente de luz em nosso mundo escuro. Uma nova espécie iria me abençoar como seu criador e origem; muitas naturezas felizes e excelentes deveriam sua existência a mim (SHELLEY, 2017, p. 61).

Assim, esta seria a verdade para o cientista, que faz sentindo na construção de suas ações e os sentimentos que o moldam como ser humano, deixando dessa forma, de conviver com as pessoas nas quais ele nunca havia se distanciado e deixa a sua saúde física e mental à mercê por dias e noites de estudos e pesquisas, sem descanso e com a centralidade ética de sua ação.

Durante o ato, a obsessão pela conclusão de sua criação, faz com que o Dr. Victor Frankenstein vivesse os mais tenros dias de sua vida, usufruindo de uma felicidade singular, na qual não concedia dividir com ninguém e guardá-la para si próprio. No entanto, distancia-se de seus amigos e familiares, os deixando cada vez mais descontentes. A vista disso, isso pode ser confirmado de acordo com o personagem, quando diz:

Os meses de verão passaram vendo-me assim engajado, alma e coração em meu único objetivo. Foi a estação mais bela; nunca os campos concederam uma colheita mais abundante, ou as vinhas produziram uma safra mais rica; mas meus olhos estavam insensíveis aos encantos da natureza. E os mesmos sentimentos que me fizeram

negligenciar as cenas ao meu redor também me fizeram esquecer os amigos que estavam a tantas milhas ausentes e que eu não via há tanto tempo. Sabia que meu silêncio os inquietava [...] (SHELLEY, 2017, p. 62/63).

Sendo assim, esta subjetividade, também é designada ao modo de vida ética, descrita por Kierkegaard, como a escolha por uma vida baseada em estudos, trabalhos, para que assim alcancem os seus objetivos. Baseado nisto, é perceptível que nesse modo de vida, o sujeito tem noções básicas sobre a sociedade, ao mesmo tempo que adquire conhecimentos através do seu modo subjetivo, ele quer adquirir uma espécie de recompensa no meio social, um retorno pelo seu trabalho.

Isto quer dizer que o Dr. Victor Frankenstein, age de tal forma com o propósito de ter um reconhecimento com relação a espécie que ele almeja dar vida e conseqüentemente como todos o idolatrarão como cientista. Dito isso, é nítido que tal comportamento é resultado de uma busca pelo prazer, em seu caso, por ser um “deus”. Nesse sentido, França e Silva (2014, p. 70) ressaltam que “O estilo de vida ético não deve ser visto como a exclusão do estético, do prazer, mas, sim, a reorganização dele.”

Desta forma, esta troca dos modos de vida estético/ético é visto no romance como uma representação de que nem sempre é posto o prazer do reconhecimento como resultado de sua pesquisa, mas também a solidariedade. Apontamos que no romance, Shelley (2017), descreve que o personagem diz ter boas intenções ao criar a sua “obra”, pois, é por meio da solidariedade, e do despertar, primeiramente, que o jovem cientista é movido pelo sentimento de perda de pessoas especiais para a morte, e dessa forma tenta reverter o fim em vida.

Dessa forma, o estudo sobre a definição de caráter é algo minucioso, pois, como fora visto e definido, há mudanças no decorrer das ações e pensamentos do personagem que requerem um olhar mais crítico, haja vista que isto é algo adquirido, se constrói e se define ao passar dos dias podendo ocorrer mudanças em seus conceitos e o modo como o indivíduo a concebe, o modo de vida na qual ele o pertence.

### **3.2 Caráter: adormecido ou despertado**

Dr. Victor Frankenstein, mesmo sendo descrito como um jovem, possui uma carga de essência considerável para justificar suas ações. Sendo assim, em seu íntimo, após despertar o interesse que até então estava adormecido pelas ciências naturais, o personagem dá início a sua criação. Assim sendo, em primeiro momento, o cientista é provido por um sentimento benévolo. Contudo, o subjetivismo colocado como ênfase em seu objetivo resulta em contrariedades no seu agir, conseqüentemente no seu caráter.

Posto isto, o Dr. Frankenstein que é movido pelo mais prazeroso sentimento de felicidade, durante os meses dedicados ao seu projeto, dá lugar às lembranças das horas dedicadas aos seus estudos, pesquisas e coleta de corpos em decomposição, para uma sensação de horror ao ver o resultado de sua criação.

Esta fascinação pela vida e a matéria inanimada, juntamente com a ciência, o priva do raciocinar sobre as reais circunstâncias de suas ações. Sendo assim, no romance, é retratado que quando a matéria, que até então não passara de restos de corpos existentes, mas sem essência, ganha vida e possui todos os aspectos humanos cabíveis, o Dr. Frankenstein passa por um colapso de emoções e foge do laboratório.

Oh! Nenhum mortal poderia suportar o horror daquele semblante. Uma múmia revivida não poderia ser tão horrenda quanto aquele infeliz. Eu o contemplara quando ainda estava inacabado; era feio, mas quando aqueles músculos e ligamentos tornaram-se capazes de movimento, transformou-se numa coisa que nem Dante poderia ter concebido (SHELLEY, 2017, p. 66).

Com isso, após conseguir o resultado no que até então seria o motivo de sua felicidade, Victor Frankenstein não hesitara em abandonar a sua criação, o comparando com os mais terríveis personagens do gênero terror, assim como Frankenstein afirma no trecho citado a cima.

Então, o jovem Frankenstein convivera com o segredo sobre a sua criação, e é perseguido pelo pavor de sua ação. A sua aparência doentia já é perceptível por todos e junto a isso a loucura na qual ele vivera. No entanto, o cientista não permite confessar o motivo que justificava sua vivência nesta situação e convive com esse segredo desde então.

A angústia e o desespero foram as companheiras de Victor Frankenstein e a partir disso, ele passa a viver com o medo de encontrar a sua criação, e até mesmo que o monstro, como é chamado, pudesse cometer algum ato cruel com ele, tendo vista que além de sua horrenda aparência também é possuidor de uma grande força.

Para o filósofo Jean Paul Sartre (2014), essa angústia é o resultado da responsabilidade do personagem Frankenstein, uma vez que a Criatura é sua criação e conseqüentemente, seu compromisso. E dessa forma, o que o filósofo francês escreve ao dizer que o homem é angústia, é que um ato individual do sujeito envolve toda a humanidade. Sendo assim, é notável que este compromisso resultando em angústia, e na decadência de sua aparência, pode ser entendido de forma mais ampla quando, segundo Sartre (2014), o homem mascara o seu desespero para não a encará-la.

Percebemos isso no romance quando Victor tenta levar sua vida normalmente, porém, é possuído pela doença e o horror, tendo em vista que de acordo com o seguinte trecho: “[...] parando de súbito e olhando bem em meu rosto-, não havia notado antes como você parece

doente; tão magro e pálido; e como se estivesse passado várias noites de vigília” (SHELLEY, 2017, p. 68), é visto que o comentário de Henry Clerval sobre a aparência do seu amigo Frankenstein, não o intimida a dialogar sobre as circunstâncias de tal resultado. No entanto, segue escondendo o desespero pela ação da criação da Criatura e os sentimentos de medo e angústia que o maltratam.

Logo, esta relação diz respeito ao caráter, noção na qual é designada pelo *Dicionário da Filosofia* como:

Propriamente o sinal, ou o conjunto de sinais, que distingue um objeto e permite reconhecê-lo facilmente entre os outros. Em particular, o modo de ser ou de comportar-se habitual e constante de uma pessoa, à medida que individualiza e distingue a própria pessoa. Nesse sentido, dizemos que "Uma pessoa tem um C. bem marcado" ou "bem definido", no sentido de que o seu modo de agir revela orientações habituais e constantes. Em sentido oposto, falamos de "falta de C." ou "C. fraco", "mau C." ou "C. inconstante", comportamento habitualmente devido mais a opções casuais e caprichosas do que a uma orientação determinada e constante (ABBAGANANO, 2007, p.116).

Isso significa dizer que o caráter de um sujeito é revelado a partir de suas ações, sendo assim, faz parte da essência que é construída, e o destino que o homem se permite seguir.

Em vista disso, é possível destacar que no personagem Victor Frankenstein há características daquilo que é descrito como o oposto do caráter bem definido, tendo em vista que ao ler o romance, compreendemos algumas passagens em que o cientista se vê contrário ao seu subjetivismo em prol de uma ambição de ser considerado um “deus” para uma nova espécie, ultrapassando e quebrando regras, como no trecho a seguir: “Tanto fora feito, exclamou a alma de Frankenstein, mais, muito mais, irei conquistar: seguindo os passos já marcados, serei pioneiro num novo caminho, explorarei poderes desconhecidos e abrirei ao mundo os maiores mistérios da criação” (SHELLEY, 2017, p. 56).

Dessa forma, esta sede por conhecimento dá lugar ao projeto egoísta pela criação de uma nova espécie, para que dessa forma ele pudesse ser exaltado. Com isso é visto que há uma controversa com relação ao que significa refletir sobre o que é considerado um bom caráter, pois, o desejo para ter o nome e um reconhecimento, comparado com o de Deus, é maior ao desejo de vencer a morte por benignidade.

### **3.3 Essência e estética**

A Criatura é uma personagem formada a partir dos restos mortais de outras pessoas em estado de decomposição. De fato, ela é colocada no mundo por meio da ciência, da tecnologia e principalmente devido à dedicação de seu criador em doar-se durante dois anos de estudo,

sem interrupção, para que dessa forma pudesse vencer a inexistência de essência humana nos corpos.

Neste caso, através do cansaço do trabalho, o cientista cai sob o horror do pesadelo de ver a morte, e o corpo de sua mãe no estado sem vida. Ao despertar desse tormento, o Dr. Victor Frankenstein depara-se com a imagem de sua obra; a Criatura havia ganhado vida, assim como era o seu objetivo. O monstro tenta manter algum tipo de contato com o seu criador, porém, a imagem de felicidade que o cientista obtivera enquanto estava criando o seu ser, estava, por vez, perdida em meio ao horror da aparência na qual Victor só percebe a repugnância depois que a Criatura ganha vida e, em oposição ao seu desejo, se torna o motivo dos males em sua existência. Sendo assim, Frankenstein afirma: “desejara com um ardor que excedia muito a moderação; mas, agora que havia terminado, a beleza do sonho desaparecera, e um horror e asco sem fôlego tomaram meu coração. Incapaz de suportar o aspecto do ser que eu havia criado, fugi do laboratório [...]” (SHELLEY, 2017, p. 65).

Diante disso, ao ser colocado no mundo, abandonado por seu criador, sem conhecimentos para saber coisas naturais como se alimentar, e sem nenhuma percepção de como conviver em sociedade, a Criatura passa a descobrir tais segmentos a partir de experiências próprias ou de observações distantes dos sujeitos. Assim como qualquer outro ser vivo pensante, é nítido que a Criatura de Frankenstein, mesmo que de origem diferente, possui a mesma carga de humanidade. Ou seja, que o ser existente passa a construir a sua essência através das experiências adquiridas com a sociedade, na qual ele tenta fazer parte. À vista disso, Sartre (2014), afirma que logo após o homem surgir no mundo, ele se encontra e só assim poderá se definir e se fazer.

Dessa forma, após anos sem que o jovem Frankenstein tivesse informações sobre a Criatura, uma triste notícia toma conta de seu coração. William, irmão do cientista, havia sido assassinado. Com a descrição de como houvera ocorrido sua morte, Victor Frankenstein, em suas memórias, dá-se por saber quem tivera coragem de tamanha atrocidade: a Criatura na qual ele dera vida. É a partir disso, que no romance, Criador e Criatura se (re)encontram, e nesse momento a Criatura narra como tivera sido a sua vida desde então:

Acredite em mim, Frankenstein: eu era benevolente; minha alma brilhava de amor e humanidade. Mas não estou só, miseravelmente só? Tu, meu criador, abomina-me; que esperança posso então reunir de teus semelhantes, que me devem nada? Eles me rejeitam e me odeiam. As montanhas desertas e as geleiras sombrias são meu refúgio (SHELLEY, 2017, p. 109).

A Criatura expõe ao seu criador como ela era provinda de um bom coração. Sendo assim, o seu desejo é de usufruir das belezas e realizações assim como todos os homens. No

entanto, por ser vítima de uma aparência grotesca, se vê excluída de todas as suas vontades, tendo que viver totalmente longe da sociedade.

Todavia, sem ter conhecimento de quão diferente era esteticamente de todos os seres existentes na terra, a Criatura tenta manter contato com o meio social. No entanto, percebe que as pessoas se assustavam ao vê-la e ao mesmo tempo a tratavam com repugnância, quando não tentavam machuca-la. Sem conhecimentos sobre o motivo de tal comportamento, o monstro leva uma vida isolada por entre as montanhas. Contudo, seu físico foi lhe apresentado de forma simples:

[...] mas como fiquei aterrorizado quando me vi numa poça transparente! Primeiro recuei, incapaz de acreditar que era de fato eu que estava refletindo no espelho. E quando me convenci de que era mesmo o monstro que sou, fui tomado da sensação mais amarga de desânimo e mortificação. Ai de mim! Ainda não conhecia inteiramente os efeitos fatais de minha miserável deformidade (SHELLEY, 2017, p. 122).

De acordo com o trecho acima, é nítido que até mesmo a Criatura se assusta com a sua aparência. Dessa forma, o resultado desta terrível criação pode ser entendida através de Victor Hugo (2007), em seu livro *o Grotesco e o Sublime*. Pois, para o autor, a consequência desta deformidade na aparência da Criatura é o resultado dos aspectos grotescos, na qual não permite que os seres com aparência padronizada socialmente mantenham contato com tal Criatura. Sendo assim, essa seria a poesia da obra, visto que traz a reflexão ao leitor sobre a essência da Criatura (grotesco) e do se Criador (sublime).

Assim, de acordo com Victor Hugo (2007), o sublime é compreendido como a representação da alma cristã purificada e o grotesco como a besta humana. Com isso, em primeiro momento, a Criatura não é reconhecida pela bondade que há dentro de si, mas é julgada por não ser pertencente das mesmas características de pessoas que possuem o mesmo grau estético de beleza, segundo a tradição religiosa, o sublime da alma cristã.

Logo, lemos no romance que pelo motivo da distinção de origem do Criador e Criatura, o monstro não aceita ser rejeitado pela única pessoa que devia dá-lo o suporte necessário, e passa a ser possuído pelo sentimento de vingança, tentando fazer com que o seu criador sinta a mesma dor que ele. Ainda, tal sentimento é fruto da falta de responsabilidade de Frankenstein, que resultou na mudança de essência da Criatura. Isso significa dizer que o monstro toma conhecimento de que a bondade que havia dentro dele de nada valia se não possuísse uma boa estética.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Para formar nosso juízo sobre a beleza devemos, portanto, dirigir nossa atenção, tanto quanto possível, para os traços individuais que constituem um ente. Pois são estes traços que exatamente constituem o característico no



Por essa razão a Criatura pede ao Dr. Frankenstein para que ele crie uma nova Criatura tão horrenda quanto ele, para que dessa forma, possa fazê-lo companhia. O cientista que já se encontra em meio à angústia da responsabilidade da primeira criação, passa a dar vez à criação da nova Criatura. E desencorajado e amedrontado, pois sabia dos perigos de sua ação, o cientista não obedece ao monstro, que acaba por derrotar as pessoas na quais o seu criador mais amava, como um ato de vingança pela sua solidão.

### 3.4 A vingança dentro do contexto do romance

Durante a narrativa de *Frankenstein*, os sentimentos construídos e despertados pela Criatura do Dr. Frankenstein, passam a dar lugar a mágoa e a infelicidade resultando em vingança, como resposta a dor sentida pela personagem, a partir do entendimento do ser condenado a conviver na solidão e no desprezo. Com isso, é visto que o caráter é construído e modificado ao decorrer do romance. Então, de acordo com a personagem, a Criatura,

Os sentimentos de bondade e gentileza que eu havia contemplado poucos momentos antes deram lugar a uma raiva infernal e ranger de dentes. Inflamado pela dor, jurei ódio eterno e vingança a toda a humanidade. Mas a agonia de meu ferimento se apoderou de mim, minha pulsação parou e desmaiei (SHELLEY, 2017, p. 150).

Sendo assim, levando em consideração a ideia ateísta de Sartre, na qual afirma que o homem não possui uma natureza humana, mas que a constrói, é perceptível que o caráter de ambos os personagens foram se fixando a partir de cada ação e convívio com os demais. A vista disso, o existencialista afirma que “mesmo que Deus não exista, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que tal ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade-humana” (SARTRE, 2014, p. 25).

Desse modo, é relevante lembrar que este sentimento anteriormente citado, é consequência da ausência do comprometimento do criador para com a sua Criatura. Portanto, o monstro ao ser lançado no mundo, procura desenvolver a sua realidade humana de forma coerente, quando tenta manter contato com os camponeses, e ao observá-los afirma que “[...] e que mais aumentavam do que satisfaziam o desejo que eu tinha de me tornar um entre meus semelhantes” (SHELLEY, 2017, p. 129). No entanto, vítima de sua aparência, esta tentativa é frustrada resultando em uma segunda opção para suprir a necessidade de companheirismo,

---

objeto. Continuando, ele concebe o caráter, enquanto norma artística, “como aquela individualidade determinada pelas exigências de um objeto previamente imaginado, segundo a qual se distinguem Formas, movimentos, gestos, feição, expressão, cores locais, luz, sombra, claro-escuro e postura”. (HEGEL, 2001, p. 41).

exigindo ao cientista uma Criatura feminina: “Minha companhia deve ser da mesma espécie e ter os mesmos defeitos. Você deve criar esse ser.” (SHELLEY, 2017, p. 152).

Posto isto, é de total interesse compreender a definição de vingança, pois de acordo com os pensamentos de Govier (2002), quando diz que

Buscar vingança é uma maneira de nos reafirmar, de tentar obter alívio da mágoa e humilhação de sermos injustiçados. Se uma pessoa ou grupo prejudicou outra pessoa, é comum que a vítima, a pessoa lesada, sinta raiva e ressentimento, levando ao desejo de "se vingar" ou "vingar"(GOVIER, 2002, p.2 - tradução nossa).<sup>6</sup>

É possível associar aos motivos que fazem com que o monstro persiga o Dr. Frankenstein, para que desse modo, a vingança possa ser concluída contra o seu criador. A forma encarada pela Criatura para tal ato, pressupõe que a dor da perda por outro ser, ser este dono de um grande sentimento por Victor, poderia ser igualitário ou aproximar-se a dor que o gigantesco sinte por originar-se possuidor de sua aparência e conseqüentemente da sua falta de companheirismo.

Nesse cenário é possível abstrair a ideia da humanidade como algo maleável que condiz com a perspectiva de sensações. Baseado nisso, a vingança aqui imposta para ambas personagens, se faz com o intuito de dissipar com os vestígios daquele que fez uma ação com forma negativa entre criador e Criatura ou Criatura e criador, tendo em vista que não há perdão de um para o outro.

Dessa forma, o sentimento de vingança é configurado por ambas personagens, tendo em vista que além do monstro derrotar todas as pessoas que eram merecedoras do amor e carinho de Frankenstein, o cientista também persegue a Criatura com o intuito de eliminar da terra a sua criação, para que dessa forma volte a ter o mínimo de sanidade após a sua ação, de construir um novo ser.

### **3.5 Ação da má-fé**

O ser humano, movido pela capacidade do poder definir-se através de escolhas, nem sempre vai guiando-se por caminhos que o leva a atos positivos. É a conduta do homem que irá dizer sobre a designação de seu comportamento como uma ação da má-fé ou simplesmente uma mentira. Assim, segundo Sartre (1943, p.94), o que define tal atitude é que para quem pratica a

---

<sup>6</sup> Seeking revenge is one way to reassert ourselves, to attempt to get relief from the hurt and humiliation of being wronged. If one person or group has wronged another, it is common for the victim, the injured party, to feel rage and resentment, leading to a desire to ‘get one’s own back’ or ‘get even’ (GOVIER, 2002, p.2).

má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável.

Em síntese, apenas o homem é o responsável pelo mal que volta para si, tendo em vista que o sujeito é possuidor de uma consciência na qual ergue o ser para a liberdade de escolhas. E conseqüentemente, o viver nesta definição de má-fé, diz respeito ao negar de responsabilidades que o homem possui ao fazer suas decisões. Sendo assim, Sartre argumenta que é a consciência do sujeito que define a construção do nada do ser para a sua conduta.

A má-fé da mentira da conduta humana, então, é identificada como a consciência dos atos, e conseqüentemente a máscara da mentira para que dessa forma possa usufruir de uma farsa que o sujeito compreende ser sua verdade. Sendo assim, o Dr. Frankenstein mesmo sabendo que de certa forma seria culpado pelas mortes dos seus familiares, ele não consegue assumir sua responsabilidade e confessar seu ato. Sobre isso Sartre (1943, p. 93) comenta:

Não se mente sobre o que se ignora; não se mente quando se difunde em erro do qual se é vítima; não se mente quando se está equivocado. O ideal do mentiroso seria, portanto, uma consciência cínica, que afirmasse em si a verdade, negando-a em suas palavras e negando para si mesma esta negação. Mas essa dupla atitude negativa recai em um transcendente: o fato enunciado é transcendente, porque não existe, e a primeira negação incide sobre uma *verdade*, ou seja, um tipo particular de transcendência.

Desta maneira, o indivíduo que pratica tal ato, da mentira, tem em sua mente em seu inconsciente, a verdade sobre a ação na qual fora praticada, mas em suas palavras prefere omitir para que desse modelo, possa, de modo cínico, fugir da culpa que cabe somente aquele que é responsável, si mesmo. Com isso, nota-se que a mentira e a má-fé são conceitos que não possuem grande distanciamento em suas estruturas, pois, ambos têm como fundamento reservar a realidade.

Essa consciência considerada cínica é vista no trecho que diz: “Mas eu, o verdadeiro assassino, sentia em meu peito o verme imortal que não permitia esperança ou consolo” (SHELLEY, 2017, p. 95). Porém, é visto que o personagem sofre com a morte de seu irmão, condenação e morte de Justine, mas nega a sua verdade. A sua transcendência, é assim, mascarada pela informação omitida sobre a sua ação.

Por outro lado, o existencialista afirma que após a existência humana e a definição de sua ação, é possível perceber que ambos os personagens, ao fim do romance, progredem sobre uma perspectiva de vida sobre a ideia de vingança. Essa vingança é uma escolha para que um dos dois acabe sobre a morte, assumindo assim a tal responsabilidade.

Essa falsa consciência que criador e Criatura possuem é a negação da responsabilidade de suas ações, haja vista que assim como o criador mascara o compromisso com o monstro, o monstro nega a sua facticidade sobre o olhar do querer destruir o seu Criador.

No entanto,

Assim, o sujeito se engana sobre o sentido de suas condutas, capta-as em sua existência concreta mas não em sua verdade, porque não pode derivá-las de uma situação primordial e uma constituição psíquica que permanecem estranhas a ele (SARTRE, 1943, p. 96).

Dessa forma, quando o Dr. Victor Frankenstein é derrotado pelo cansaço e a doença, por perseguir a sua Criatura, decidido derrota-lo, o monstro deixa de ser conduzido pelo sentimento de tristeza ao ver o seu Criador sob a escuridão da morte. “Destruído como foste, minha agonia ainda era superior à tua; pois a pontada amarga do remorso não deixará de ulcerar minhas feridas até que a morte as feche para sempre” (SHELLEY, 2017, p. 232). Com isso, a conclusão de que sua ação e as mortes cometidas pelo mesmo são reflexos enganosos de uma vingança por conviver com a angústia da solidão.

#### **4 Considerações Finais**

Este artigo teve por finalidade analisar a consistência de caráter entre criador e Criatura, descrita no romance *Frankenstein*, na perspectiva da corrente filosófica do existencialismo. Conforme as teorias aqui expostas, compreendemos o comportamento de ambos podendo relacionar com as condutas do homem, a partir das considerações do que é real e como foi colocado na literatura.

Em virtude dos fatos mencionados, chegamos a concluir que o conceito de caráter do Dr. Frankenstein pode ser considerado falho, uma vez que ele usa de toda a sua subjetividade em prol de um objetivo, mas que não pensa na consequência de sua ação e logo após o seu almejo ser concluído, o Dr. a abandona. A Criatura é consequência da falta de responsabilidade de seu criador, podendo por conseguinte ser uma vítima.

Sob um olhar reflexivo, notamos que o cientista muda a sua perspectiva de pesquisa, deixando o seu lado considerado bom, pelo fato de querer trazer a essência de pessoas queridas para corpos existentes, por fazer de seu lado grotesco, o mesmo processo, mas com o objetivo de ter seu nome elevado e ser considerado um deus, um pai, para uma nova espécie.

Com isso, a irresponsabilidade deste ato resulta em um monstro de aparência grotesca, que sofre por sua origem e pela estética que se é representada. Logo, é abandonado primeiramente por seu pai e por todos que jugam sua aparência por sua essência. E é este ato de julgamento

que constrói na vítima o sentimento de vingança por seu criador. Resultando ainda na aparência e em atos doentios do cientista, pelo peso de sua consciência.

Posto isto, quando o monstro é lançado do mundo, a sua essência é construída por bons sentimentos, a partir da vista de atos positivos daqueles que o monstro observa. Sendo assim, a essência é construída a partir das experiências da vida e isso faz com que o monstro alicerce o ser que ele quer ser para a sociedade. Porém, isto é desmistificado a partir do desprezo em consequência do seu exterior, tendo em vista que o ser está sempre em construção.

Isto é visto tanto na literatura como na realidade, pois o modo impenetrável é todo aquele que é diferente. Isso quer dizer que “Uma jarra trincada, segundo Agostinho, é má porque se afasta de sua natureza, que é ser inteira e conter água, vinho, leite ou qualquer outro líquido” (JEHA, 2007, p.10). Sendo assim, não importa a intenção da Criatura se a sua origem e aparência é oposto aos demais.

Dessa forma, esta pesquisa esclarece tais fatos para mostrar que a palavra monstro não deve ser apenas designada a aparência, mas sim, as atitudes que o homem faz e conseqüentemente, as conseqüências da falta de responsabilidade pela sua ação. Deste modo, o romance *Frankenstein*, traz aspectos reflexivos sobre a monstruosidade a partir de atitudes, da essência no processo de construção de cada ser humano e não com relação a estética humana.

Dessa forma, esse trabalho buscou contribuir para a formação de alunos e leitores críticos, literários e filósofos para que deste modo, haja o entendimento sobre comportamento, ação e responsabilidade de personagens literários que transmitem mensagens reflexivas para a sociedade em geral. Junto a isso, notar que não há grande distanciamento em nossas atitudes (real/literário), tendo em vista que sempre haverá um questionamento para a humanidade: minha ação foi de homem ou de monstro?

Deste modo, poder frisar a importância disto para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional na perspectiva da realidade do mundo e principalmente em sala de aula. Pois, o papel do professor vai além de transmitir apenas conhecimento, mas despertar em seus alunos o ato da reflexão e criticidade.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi- 5ª ed- São Paulo: Martin Fontes, 2007.

ALBERTO MAGNO, Santo - **Questões sobre o " De Animalibus"**. Trad. e introd. de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Trans/Forml Ação, São Paulo, 5: 107-109, 1982.

Biografia- Henry Corneille Agrippa. **Sociedade das Ciências Antigas**. Disponível em: <http://www.sca.org.br/uploads/news/id109/Agrippa.pdf>. Acesso em: 11 de mar. de 2021.

Biografia- Vida e Obra de Paracelso. **Sociedade das Ciências Antigas**. Disponível em: <http://www.sca.org.br/uploads/news/id119/Paracelso.pdf>. Acesso em: 11 de mar. de 2021.

FRANÇA, H. A; SILVA, D. M. **O MODO DE VIDA ÉTICO EM KIERKEGAARD**. Revista Húmus - ISSN: 2236-4358, 2014.

HEIDGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Traduzido por Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005, 15ª edição.

HUGO, V. **Do Grotesco e do Sublime**. In Introdução. São Paulo: Perspectiva, 2007, ed. 2, p. 7-12.

JEHA, Julio (Org.) **Monstros e Monstruosidades Na Literatura**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2007.

KIERKEGAARD, S. A. **OS PENSADORES**. Traduzido por Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

NUNES, Benedito. **Heidgger & Ser e Tempo**. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

RIBAS, M.C.C; CRUZ, T. S. B. **O passageiro das trevas: estética e psicologia do monstro em Frankenstein**. Soletas, p.45-61, 2014.

RUIZ, C.R. **Frankenstein de Mary Shelley e sua mensagem perene sobre a responsabilidade da ciência sob a luz da Bioética**. Arq Bras Ciên Saúde, Santo André, v.34, n. 3, p. 196-200, Set/Dez 2009.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Traduzido por João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

SARTRE, J.P. **O SER E O NADA**. Traduzido por Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ, Vozes, 1993.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. Traduzido por Santiago Nazarian. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

GOVIER, Trudy. **Forgiveness and Revenge**. USA and Canada: Routledge, 2002.